

O PROTAGONISMO FEMININO NO BILDUNGSROMAN DE THE MILL ON THE FLOSS¹

Adrya Margarida de Melo Lobato²

Victor Emanuel Lima Araújo³

Ingrid Lara de Araújo Utzig⁴

RESUMO: O presente artigo objetiva enfatizar a repressão, a marginalização e subserviência da mulher na sociedade vitoriana sofrida pela personagem Maggie Tulliver no romance *The Mill on the Floss* (1860) de George Eliot, quando a mesma não se encaixava no padrão que lhe era exigido pela sociedade vitoriana. Para tal fim, utilizou-se uma pesquisa bibliográfica onde foi realizada uma análise do romance e do crescimento da protagonista Maggie Tulliver, para tanto, utilizando a definição alemã de Bildungsroman feminino de Dilthey Wilhelm (1988), que narra o amadurecimento psicológico da protagonista, através de transformações e experiências que as acompanham durante sua vida. Ademais, na fundamentação teórica referimo-nos a Friedrich Engels (1942) e Anthony Burgess (1996) no que diz respeito ao entendimento necessário em relação a compreensão histórica do retrato da mulher durante a era vitoriana, o extremo conservadorismo e da ideologia da mulher perfeita. Como resultado da análise, percebemos que, embora a protagonista procure a felicidade e faça tudo ao seu alcance desde sua infância até a fase adulta para consumir tal, a mesma é incapaz de alcançá-la pois o preconceito, o machismo, a subserviência, a conservação da moral e a idealização da mulher perfeita imposta pelos homens a fazem, infelizmente se render ao patriarcado, como um meio desesperador de encontrar a felicidade, onde acabara tendo um fim extremamente trágico, sua morte. Tal morte evidencia a realidade da mulher da era vitoriana, que se trata de toda a dificuldade de se sobressair dentro de uma sociedade preconceituosa e extremamente conservadora.

Palavras-chave: Bildungsroman feminino; era vitoriana; maturação psicológica.

ABSTRACT: This article aims to emphasize the repression, marginalization, and subservience of women in Victorian society, as experienced by the character Maggie Tulliver in George Eliot's novel *The Mill on the Floss* (1860), since she did not fit the standard required of her by Victorian society. The study employs a bibliographic research approach, analyzing both the novel and the development of the protagonist Maggie Tulliver, utilizing Wilhelm Dilthey's (1988) definition of the female Bildungsroman, which narrates the protagonist's psychological maturation through the transformations and experiences she encounters throughout her life. Additionally, the theoretical framework draws on Friedrich Engels (1942) and Anthony Burgess (1996) to provide an understanding of the historical depiction of women during the Victorian era, highlighting extreme conservatism and the ideology of the "perfect woman." The analysis reveals that despite Maggie's pursuit of happiness and her efforts from childhood through adulthood, she is ultimately unable to achieve it due to pervasive prejudice, misogyny, subservience, moral conservatism, and the

¹ Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal do Amapá como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês no Instituto Federal do Amapá. Email: meloadrya@gmail.com

³ Acadêmico do curso de Licenciatura em Letras Português e Inglês no Instituto Federal do Amapá. Email: victorjo2000@gmail.com

⁴ Orientadora, Doutora em Estudos Literários, docente da Universidade Estadual do Amapá. Email: ingrid.utzig@iap.edu.br

idealization of women imposed by men. Consequently, Maggie is tragically compelled to succumb to patriarchy as a desperate means to find happiness, culminating in her tragic death. This outcome underscores the harsh reality faced by women in the Victorian era, reflecting the immense difficulties of excelling within a prejudiced and highly conservative society.

Keywords: female Bildungsroman; victorian era; psychological maturation

Data de apresentação: 02/04/2024

1 INTRODUÇÃO

O período vitoriano, no século XIX, foi marcado pela autoria feminina de tom confessional, uma vez que o papel da mulher foi atrelado à submissão e às responsabilidades domésticas impostas pelo modelo patriarcal. Sendo assim, as mulheres viviam cercadas por barreiras que as limitavam em vários aspectos, inclusive, na expressão da arte literária, que também era uma cena dominada pela presença masculina (Brantlinger, 2002).

Nesse contexto, em paralelo às obras de autoras como as irmãs Brontë e Jane Austen, surge o renomado romance *The Mill on the Floss* (1860), de George Eliot. Em sua obra, Eliot tece críticas rígidas ao que concerne à condição feminina dentro do contexto vitoriano, além de apresentar o crescimento e as experiências da protagonista em uma sociedade extremamente conservadora. Essa obra levanta uma reflexão sobre as relações de gênero daquela época através das experiências de uma menina inteligente, Maggie Tulliver, que traça seu destino no contexto da Inglaterra vitoriana. A autora apresenta aspectos de como a protagonista é marginalizada e mal vista pela sociedade da época por não seguir o padrão que lhe era imposto.

Portanto, este artigo objetiva apresentar uma análise do *Bildungsroman* (romance de formação) feminino em *The Mill on the Floss*, evidenciando o crescimento da protagonista, levando em consideração a condição da mulher do século XIX.

2 O RETRATO DA MULHER NA ERA VITORIANA

Durante o século XVIII surgiu a imagem de uma mulher domesticada, onde foi construído um modelo de feminilidade e de esposa correta: “a mulher e esposa ideal; passiva, obediente, parcimoniosa, casta, de poucas palavras e sempre ocupada com suas tarefas” (Federic *apud* Burgess, 1996, p. 205).

A ideia de pureza continuou sendo usada para doutrinar a mulher no que se esperava dela. Um dos exemplos dessa representação pode ser encontrado na literatura do século XIX. Uma famosa representação dessa mulher dos sonhos, a dona de casa perfeita, é *O Anjo do Lar* (1854). Coventry Patmore acreditava que sua esposa Emily era a esposa vitoriana perfeita e escreveu *The angel in the house* em sua homenagem, em que a conduta ideal é descrita:

O homem deve ser agradado; pois agradá-lo / É o prazer da mulher; abaixo do abismo de suas necessidades condolentes/Ela molda seu melhor, ela açoita a si mesma. / Quão frequente açoita-se por nada, e juga / Seu coração a algo singelo ou a um capricho, / A quem cada palavra impaciente provoca / Outra, não dela, mas dele; / Enquanto ela, tão suave até para forçar / As penitências dele com réplicas gentis, / Espera, aguardando seu remorso, / Com perdão em seus olhos piedosos; / E se ele alguma vez, por vergonha oprimido, / Conferir uma palavra de conforto, / Ela debruça-se e pranteia contra seu peito, / E parece pensar que o pecado foi dela; / E enquanto o amor dele tem qualquer vida / Ou qualquer olho para ver seu charme / A qualquer hora, ela ainda é sua esposa, / Ternamente devotada a seus braços; / Ela ama com um amor que não se cansa; / E quando, ah aflição, ela ama sozinha, /

Através do dever apaixonado o amor floresce maior / Como a grama que cresce mais alta envolta de uma pedra (Patmore, 1854, p. 75-76)⁵.

A partir do poema de Coventry, pode-se notar a ideologia criada com o intuito de sujeitar as mulheres à submissão ao homem. O poema de Coventry reflete uma ideologia que busca submeter as mulheres à vontade dos homens, enfatizando a passividade feminina e a proibição da oposição ao marido. Além disso, as mulheres são encorajadas a perdoar os homens e assumir a culpa pelos problemas no relacionamento, consolidando assim uma hierarquia de gênero que reforça a submissão feminina.

Partindo para o século XIX, o período régio de Vitória (1837 a 1901) foi marcado pelo conservadorismo: a valorização da família, a repressão contra as práticas sexuais e a conservação da moral eram alguns dos principais dogmas da época. A sociedade era grandemente estruturada a partir da ótica e vivência conservadoras, a qual era norteadas por proibições severas e por seu valor moral altamente superestimado. Sob tal perspectiva, o escritor e crítico britânico Anthony Burgess descreve:

Foi uma época de moralidade convencional, de grandes famílias em que o pai era uma espécie de chefe divino, e a mãe, uma criatura submissa como a Eva de Milton. A moralidade rígida, o caráter sagrado da vida em família era devido em grande parte ao exemplo da própria rainha Vitória, e sua influência indireta sobre a literatura, assim como sobre a vida social, foi considerável (Burgess, 1996, p. 215).

É notória a contradição que perdura nesse período, pois leva-se em conta que a monarca era uma mulher que reforçava ainda mais os valores patriarcais. Nessa perspectiva, o raio de atuação da mulher ficava restrito ao âmbito da vida privada, as mulheres que ousavam quebrar esses padrões definidos pela sociedade enfrentavam os preconceitos e eram vistas como péssimas mulheres e esposas. Então, com o decorrer da história e com a consolidação do patriarcalismo, ficou cada vez mais evidente a diferença hierárquica, historicamente construída entre os gêneros, o que acarretou na privatização da liberdade intelectual e profissional das mulheres, delimitando-as de vez apenas à esfera doméstica.

Desde pequenas, as mulheres vitorianas eram moldadas de acordo com normas rígidas, elas aprendem a ler e escrever, aprendem a manusear a agulha, e também estudam línguas estrangeiras, porém sem um maior aprofundamento, pois nenhum homem desejava uma mulher astuta e inteligente. Quem ficava responsável por educar tais jovens eram as governantas, que possuíam como incumbência dar às pupilas uma educação de qualidade, ensinar regras de comportamento e principalmente destacar a posição da mulher diante da sociedade e dos homens; disciplinas acadêmicas e estudos em diversas áreas não eram vistos como necessários, sendo assim, a principal função da mentora era oferecer às aprendizes uma orientação moral e social. Até mesmo aquelas pertencentes às famílias ricas eram impossibilitadas de se considerarem detentoras de suas inúmeras riquezas, as quais deveriam ser devidamente herdadas, porque ao se casar, tudo que pertencia à mulher passava a ser administrado por seu marido. Portanto, entende-se, a partir da categorização da mulher como indivíduo secundário, que mesmo mulheres integrantes da sociedade aristocrata não possuíam

⁵Tradução Livre. No original: “*Man must be pleased; but him to please / Is woman's pleasure; down the gulf / Of his condoled necessities / She casts her best, she flings herself. / How often flings for nought, and yokes / Her heart to an icicle or whim, / Whose each impatient word provokes / Another, not from her, but him; / While she, too gentle even to force / His penitence by kind replies, / Waits by, expecting his remorse, / With pardon in her pitying eyes; / And if he once, by shame oppress'd, / A comfortable word confers, / She leans and weeps against his breast, / And seems to think the sin was hers; / And whilst his love has any life, / Or any eye to see her charms, / At any time, she's still his wife, / Dearly devoted to his arms; / She loves with love that cannot tire; / And when, ah woe, she loves alone, / Through passionate duty love springs higher, / As grass grows taller round a stone*”.

voz e visibilidade para decidirem suas próprias disposições, desejos e perspectivas de emancipação social.

2.1 A autoria da mulher na literatura vitoriana

Através de realizações no âmbito social, econômico e político, a Era Vitoriana estipulou mudanças para a sociedade da época, como: a reforma eleitoral de 1832. Havia, nesse sentido, uma realidade histórica com junção de novidades para o povo inglês, principalmente a partir do crescimento da classe média e seus clamores por visibilidade.

Esse processo de emancipação era particularmente masculino, assim, evidenciando a ótica conservadora e patriarcal inglesa. Mesmo assim, em meio a tal cenário patriarcal, começaram a surgir algumas escritoras, as quais escreviam em suas obras sobre seus anseios, sobre a sobrevivência ao meio do cenário machista a qual eram submetidas, além de iniciarem aos poucos em sua escrita a construção do sentimento de necessidade de igualdade perante a sociedade. As autoras tinham como intuito influenciar os leitores, objetivando mudanças no modelo atual da sociedade. Sobre tais mudanças Luciana Zolin disserta:

O novo lugar que a mulher passou a ocupar na sociedade em decorrência do feminismo fez-se refletir (e não poderia ser diferente) neste status quo. De um lado, a crítica literária, antes de domínio quase exclusivamente masculino, passou a ser praticada por mulheres; de outro, estas passaram a escrever mais como literatas, livres dos temores da rejeição e do escândalo (Zolin, 2003, p. 254).

Porém, houve um longo processo, e, por muitas décadas, as obras de autoras femininas não tiveram sua devida influência e reconhecimento que mereciam. A mulher que se dispunha a ser escritora de profissão podia sentir-se sozinha num meio predominantemente masculino, pois não havia precedente de romances e romancistas femininos, nenhuma outra mulher a quem ela pudesse recorrer, e também havia a rejeição dos leitores e dos escritores com relação a autoria feminina. As escritoras Sandra Gilbert e Susan Gubar discorreram sobre essa angústia da autoria feminina, afirmando que ela pode provocar “um medo radical de que ela não pode criar” pois “o ato de escrever vai isolar ou destruí-la” (Gilbert; Gubar, 1979, p. 49).

Sendo assim, motivadas por essas barreiras relacionadas à autoria, muitas escritoras recorreram ao uso de pseudônimos masculinos, com o intuito de escapar de possíveis críticas ligadas ao preconceito. Como exemplo, temos uma das maiores escritoras vitorianas, nascida como Mary Ann Evans, mas que escrevia sob o pseudônimo de George Eliot.

3 BREVE BIOGRAFIA DA AUTORA GEORGE ELIOT

George Eliot, nascida como Mary Ann Evans, nasceu em 22 de novembro de 1819 em Nuneaton, na Inglaterra, e morreu em 22 de dezembro de 1880, em Londres. Evans foi uma romancista autodidata britânica, a qual, diante do preconceito de gênero de sua época, utilizou pseudônimos para publicar obras de sua autoria. Torna-se explícita a justificativa para a utilização de pseudônimo para tal feito, uma vez que, o aval para publicar e a conquista de leitores era um processo simples para escritores homens durante o período histórico vivenciado no século XIX. De maneira similar, faz-se imprescindível citar Anne Brontë diante da experiência de publicações com a utilização de pseudônimos. Pois, é apenas nos dias atuais que pode-se entender fielmente a sublimidade de Brontë, posto que, em sua época, também precisou utilizar o heterônimo Acton Bell para emitir sua renomada obra *Agnes Grey*.

Eliot usava muito do que passou durante sua vida real como inspiração para suas obras, tanto como na criação dos personagens, como Mister Tulliver em *The Mill On the*

Floss que fora inspirado em seu pai, quanto na personalidade deles, retratando os cenários e lugares por qual passou ao decorrer de sua infância e adolescência, como podemos ver em seu romance *Cenas da Vida Clerical* (1858) onde retrata Nuneaton, a cidade onde nasceu e viveu parte da sua vida, além de retratar também a própria realidade da sociedade vitoriana, a qual era consolidada na base patriarcalismo e preconceitos.

Evans estreou na literatura influenciada por amigos intelectuais feitos na casa do casal Charles e Cara Bray, onde foi acolhida, realizando as traduções de ‘*A vida de Jesus*’, de David Strauss, e *A essência do cristianismo*, de Ludwig Feuerbach. Sob o pseudônimo George Eliot, foi autora de várias poesias, manuscritos e sete romances, sendo os mais famosos: *Adam Bede* (1859), *O moinho à beira do rio* (1860), *Silas Marner: o tecelão de Raveloe* (1861), e *Middlemarch: um estudo da vida provinciana* (1871-1872).

3.1 Definindo bildungsroman

Bildungsroman é um termo germânico, traduzido para português como romance de formação, criado por Karl Morgenstern em 1810. Apesar do correspondente em nossa língua (romance de formação), no Brasil usa-se preferencialmente o termo original, incorporado ao léxico literário brasileiro conforme Massaud Moisés, no *Dicionário de termos literários*, de 1978.

A primeira descrição do que seria o gênero que correspondia ao *Bildungsroman* romântico foi proposto por Karl Morgenstern, o qual tomou criação de tal baseando-se nos textos e enredo da obra *Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe. Morgenstern criou o termo *Bildungsroman* tomando como base a obra de romance de aprendizagem de Johann Wolfgang ressaltando que “poderá ser chamada de *Bildungsroman*, especialmente devido ao seu conteúdo, porque ela representa a formação do protagonista em seu início e trajetória em direção a um grau determinado de perfectibilidade” (Morgenstern *apud* Maas, 2000, p. 19).

Portanto, a perspectiva que Morgenstern possuía com relação ao *Bildungsroman* baseava-se no cenário burguês alemão de que era possível, através da reflexão, alcançar o que seria a melhor versão de sua vida, à medida que a possibilidade de aperfeiçoamento surgia na sociedade, ou seja, o *Bildungsroman* impactava seus leitores e servia como um exemplo e inspiração. Entretanto, tal perspectiva ainda não era o suficiente para descrever de fato o romance de formação, sendo assim, no século seguinte, Wilhelm Dilthey complementou e ampliou de maneira sistemática a definição de Morgenstern, com o que viriam a ser as principais caracterizações do gênero:

O conflito entre gerações, uma viagem para a cidade grande (visto que o protagonista usualmente vive em uma cidade pequena: quando as possibilidades de educação em sua cidade se esgotam, ele é mandado para completar sua formação acadêmica em um grande centro) [...], a formação acadêmica em si e, ao lado dela e mais importante, a educação informal, que permite ao provinciano protagonista conhecer as regras da sociedade, e, para que isso aconteça, é necessário um encontro com um mentor, geralmente um homem mais velho que toma o protagonista sob sua proteção. [...] O protagonista deve passar também, igualmente, por dois casos de amor, um feliz e outro infeliz, para aprender a lidar com sucessos e insucessos igualmente; ele deve fazer uma escolha profissional que lhe permita ser um membro produtivo da comunidade e ao mesmo tempo ascender e realizar-se como pessoa. Geralmente, ele encontrará um lugar mais tolerante, mais cheio de possibilidades que seu meio de origem, e se estabelecerá ali. Não obstante, deverá visitar sua cidade natal, já um homem formado e bem-sucedido (Dilthey, 1988, p. 106).

Considerando que o *Bildungsroman* tem como característica a narração do processo de formação do personagem enquanto indivíduo, pressupõe-se que é necessário levar em

consideração o psicológico do protagonista e o lugar social em que ele está inserido, visto que isso pode alterar a ideia inicial do que é prosperar. Assim sendo, esses passos não precisam ser obrigatoriamente cumpridos, eles podem ser adaptados, contanto que o processo torne o protagonista um indivíduo integrado e produtivo em seu grupo social, resumindo, alcance seus objetivos. Por conseguinte, é importante apontar que Dilthey também fez outra sistematização dos eventos que deveriam ocorrer no romance de formação, porém com o protagonismo feminino:

Quando o protagonismo é feminino, o processo se complica. Espera-se das protagonistas femininas que ajam levadas pelo coração, e inversamente, não se espera que elas ponderem, aquilatem, julguem as experiências pelas quais passaram. Uma protagonista feminina só adquirirá experiência de fato se refletir sobre suas ações, mas se o fizer, perderá seu valor enquanto mulher: a inocência. Dessa forma, uma protagonista feminina que embarca em um processo de formação está sempre na contramão da cultura ocidental. Não é de admirar, portanto que os Bildungsroman femininos do século XVII apresentem uma protagonista que não sofre modificação, cuja única experiência é aprender, mais ou menos mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade, e que não empreende nenhuma reflexão digna de nota sobre o que aprende. (Dilthey, 1988, p. 107)

Tal exposição nos aponta para um padrão cultural que impõe às mulheres um papel limitado e estereotipado na literatura e na sociedade em geral. A ideia de que as protagonistas devem ser emocionais e não racionais, e que sua inocência é um valor a ser preservado, impede que elas se desenvolvam plenamente como personagens e como mulheres. Isso é evidente nos romances de formação (*Bildungsroman*) do século XVII, em que as protagonistas femininas são retratadas como aprendendo a serem "damas" na sociedade, mas sem questionar ou refletir sobre as normas e expectativas que lhe são impostas.

Mediante essas considerações apontadas por Dilthey, analisaremos a obra *The Mill On The Floss* de autoria de George Eliot, protagonizando a personagem Maggie Tulliver, onde ela cresce, amadurece e se opõe às normas sociais que a oprimia durante sua trajetória, no contexto em que tal está inserida.

4 BILDUNGSROMAN EM THE MILL ON THE FLOSS

The Mill On The Floss é considerado um *Bildungsroman* feminino, pois apresenta todas as definições apontadas anteriormente por Dilthey, a quais personagens femininas tomam suas decisões com base em seu emocional, e que também não se espera que elas avaliem ou julguem as experiências pelas quais passaram. Ou seja, uma protagonista que não sofre modificação, e que cuja única experiência é aprender, mecanicamente, a se mover dentro dos meandros da sociedade.

No entanto, é válido ressaltar que o romance de Eliot também possui *Bildungsroman* masculino, visto que, o enredo desenvolve a história dos dois irmãos, Tom Tulliver e Maggie Tulliver, porém com o papel que cada um possuía na sociedade vitoriana. Sendo assim, o desenvolvimento de ambos ocorrerá de forma totalmente diferente, pois as mulheres eram consideradas seres inferiores, e o homem possuía meios muito mais fáceis para ascender na vida, ou seja, o crescimento de ambos será desigual.

O romance desenvolve a personagem desde sua infância até sua vida adulta, sendo assim uma característica do *Bildungsroman*. No início da obra, Maggie é apresentada como uma criança curiosa e questionadora, que não se conforma com as limitações impostas pela sua condição social. Destacando-se por sua inteligência, astúcia e sua sede por conhecimento, porém, é frequentemente repreendida pelos adultos, pois a consideram desobediente e rebelde. Ao longo da leitura, é possível observar que Maggie Tulliver segue desempenhando cada

passo de seu curso por intermédio de sua família, e não por vontade própria.

Ela percebe tudo o que se diz, como ninguém. E devia ouvir como lê. Logo à primeira, como se já soubesse tudo de cor! E está sempre metida na leitura! Mas é mau, é mau - ajuntou pensativo, atalhando a condenável admiração - a mulher não deve ser tão instruída; é capaz de dar mau resultado [...] foi uma pena não ter saído rapaz: metia os advogados todos num chinelo, não haja dúvida. É extraordinário! - e baixou a voz (Eliot, 1860, p. 20).

Pode-se notar que Maggie é uma criança inteligente e esforçada, sendo assim, Sr. Tulliver desenvolve uma preocupação devido ao fato de a sociedade vitoriana estabelecer um padrão que as mulheres deveriam seguir. O pai afirma ter sido uma pena sua filha ser tão esperta e inteligente, mas não ter nascido homem, pois a mulher não podia ser inteligente demais, tendo em vista que o homem não procurava uma mulher esperta, mas sim a menos esperta que ele poderia encontrar, tomando assim o pressuposto de que mulheres espertas intrometem-se em suas ações, e quanto mais sabidas, maior será seu intrometimento. Ainda no primeiro capítulo, o senhor Tulliver confirma: “escolhi a mãe dela por não ser esperta demais, embora fosse bonita e de gente bem governada; mas escolhi-a de entre as irmãs, de propósito, porque era um pouco simplória; não gosto de quem dê sentenças em minha casa” (Eliot, 1860, p. 22).

Tal aspecto vulgar do senhor Tulliver era recorrente por toda a sociedade masculina do século XIX, o que enfatizava ainda mais o destrato que a mulher sofria, e mesmo as que não concordavam com tal ato, acabavam se submetendo ao mesmo, pois temiam ficar solteiras e serem marginalizadas por toda a sociedade, inclusive seus familiares.

Maggie, ao longo de sua trajetória possui diálogos que vão contra a vontade de sua família, nos quais a protagonista reluta e rejeita tudo que lhe é posto como obrigação: ” Diz Sr, Tulliver - Oh, Maggie ! Que ideia foi essa de atirar o gorro para aí? Vá, sê boazinha, leva-o lá para cima, deixa escovar o cabelo e põe outro bibe e muda de sapatos - Oh, mãezinha - disse Maggie , irritada - , eu não quero fazer o meu trabalho. [...] - É um trabalho estúpido ! - disse Maggie com uma sacudidela à trunfa. - Rasgar coisas aos bocados e depois cosê-los, outra vez. E não quero fazer nada para a tia Glegg; não gosto dela. (Eliot, 1860, p.17).

A protagonista, apesar de possuir a inocência da infância, relutava contra as imposições do patriarcado, não se contentava com bordados e afazeres domésticos, mas desejava brincar, estudar e ajudar trabalhando na fazenda, e devido ao seu pensamento e desejo de liberdade, a mesma sofria repreensão de toda sua família. A senhora Tulliver por sua vez, mãe da protagonista, possuía um caráter de desaprovação e desgosto mediante sua filha, não por sua inteligência, mas devido ao seu temperamento tanto quanto rebelde, e a sua recusa a aprender o que era necessário para uma mulher ser uma boa esposa, como costurar, cozinhar, tocar piano e etc, características essas que iam de encontro aos padrões do século XIX.

Maggie Tulliver não gosta de cuidar de sua aparência e nem dessas atividades que eram reservadas às meninas, graças ao seu espírito livre, prefere sair explorando a natureza e o mundo, e também ler o máximo de livros que conseguir. Parte do repúdio de sua mãe também se dá devido ao tom de sua pele que é mais escura dentre os outros componentes de sua família, tendo também marcas de racismo. Podemos notar tal repúdio em suas próprias falas ainda no primeiro capítulo:

É capaz de se sentar no chão, ao sol, a entrançar o cabelo e a cantar como uma criatura do Demo [...] Isto não acontece na nossa família, graças a Deus, nem tão-pouco ter aquela cor de pele, escura, que até parece mulata. Eu não quero insultar a providência, mas custa-me muito ter só uma rapariga e ela ser tão ridícula.

[...] É injusto que a minha irmã Deane tenha uma filha tão bonita. (ELIOT, 1860, p. 15,16).

É de suma importância salientar que o caráter de desaprovação de senhora Tulliver possuía influência de seus antepassados, isso porque ela pertencia a uma família rígida e conservadora, sendo assim o crescimento de Maggie era construído em comparação às demais mulheres de sua família, principalmente em um contraste com sua prima, Lucy, que representava o completo oposto de Maggie: quieta, bem-comportada, arrumada e não muito inteligente. Ela é a "pequena Lucy rosa e branca", e isso continua sendo a base de seu caráter adulto, pois como já dito anteriormente, as mulheres são disciplinadas desde crianças, pois quando chegarem em sua maior idade terão desenvolvido todas as qualidades necessárias ao casamento. Podemos notar o contraste entre as duas primas no decorrer da obra, mas principalmente em se tratando das falas de sua mãe: “A prima, a Lucy, com uma carreira de caracóis à roda da cabeça e sem um cabelo fora do lugar. É injusto que a minha irmã Deane tenha uma filha tão bonita [...] devem pensar que é castigo eu ter uma filha assim. Vão pensar que cometi algum crime” (Eliot, 1860, p. 16-29).

Apesar de todas as críticas e comparações duramente feitas a ela, Maggie continuava mantendo suas atitudes de rebeldia e subversão de valores patriarcais durante o percurso da narrativa, procurando assim sempre uma forma de se impor e chamar a atenção de seus pais, sempre arrumando um jeito para tentar provar aos seus pais que era capaz de realizar as mesmas ações que seu irmão e que também era importante, e deveria ter o direito de escolher o que gostaria de aprender e o que não gostaria, mesmo sendo mulher. Como exemplo, há o trecho em que Maggie decide cortar o próprio cabelo, como resposta às tantas reclamações por parte da mãe e das tias.

Maggie pegou nas suas madeixas da frente e cortou -as cerce. [...] Uma tesourada, outra e ainda outra, e as madeixas de Maggie caíram pesadamente no chão, deixando-lhe a cabeça às escadas, mas com uma sensação de alívio e libertação, como se desembocasse de um bosque denso numa vasta planície.[...] Maggie sentiu um baque no coração. Tinha pensado sobretudo em ver-se livre daquele cabelo e das observações desagradáveis que lhe faziam a propósito dele, e também no triunfo que com o seu ato decidido teria sobre a mãe e os tios. Ela não queria ter o cabelo bonito; isso estava posto de parte; apenas queria que se interessassem por ela e não lhe estivessem sempre a achar defeitos. (Eliot, 1860, p.61).

O trecho em questão retrata o momento em que Maggie Tulliver decide cortar seu cabelo, simbolizando uma mudança em sua aparência. Essa ação é uma mensagem poderosa que ressalta como Maggie desafia as expectativas tradicionais de feminilidade e rejeita a pressão social para se conformar a um ideal de beleza pré-determinado. Ao cortar seu cabelo, ela busca expressar sua individualidade, sua vontade de ser reconhecida por suas qualidades internas e não apenas por sua aparência externa. É importante notar que a mensagem transmitida pela citação também pode ser interpretada como uma crítica à pressão social e à necessidade de adaptação às expectativas impostas. Ao cortar seu cabelo, Maggie está desafiando não apenas as normas de beleza, mas também as expectativas e a autoridade paterna, que vêem sua ação como uma negação de sua feminilidade. Maggie desejava apenas que a família a amasse pelo o que ela é, e não tentar transformá-la em outra pessoa.

Na vida adulta, Maggie Tulliver não consegue expressar livremente os seus sentimentos e nem recebe amor daqueles que a rodeiam. Talvez esse fato se dê causado por traumas de infância, causando um bloqueio em expressar o que sente. Esses traumas melhoram gradativamente a partir do momento em que Maggie conhece Philip, filho do rival de seu pai, Wakem. A personalidade do filho de Wakem é muito mais compatível com a de Maggie que com a de Tom, e quando a menina visita o irmão, ela não demora a fazer amizade

com Philip. Ela adora as histórias que ele conta, ouvi-lo cantar e observar seus desenhos, porém, a menina não torna a vê-lo por muitos anos, após sua volta para casa, e quando enfim se reencontram, as situações são bastante caóticas.

Ao decorrer da narrativa, os pais de Maggie a mandam para um internato também, assim como mandaram seu irmão Tom. Depois de um tempo, porém, ela e Tom são chamados de volta para casa. Em casa, eles encontram o pai acamado em um estado de grave fragilidade e a mãe chorando. Seu pai perdera a batalha judicial, foi à falência e não tinha mais como sustentar os estudos dos filhos. A propriedade da família vai a leilão. Sendo assim, os dois irmãos resolvem fazer o que está ao seu alcance para pagar as dívidas da família e tomar a fazenda de volta para si. Tom conseguiu prosperar como um homem de negócios e recuperar a fazenda da família, pois diante de uma trajetória masculina, há, comumente, um panorama de resoluções positivas.

Todavia, as coisas se complicam para Maggie: à medida que a obra se desenvolve, a carência de estabilidade mental e a insuficiência na relação entre a personagem e o campo social implicam na estrutura da vida de Maggie e, conseqüentemente, a transitoriedade negativa no cenário continua a crescer. Tal fragilidade torna-se explícita quando ela se envolve com Stephen, noivo de sua prima Lucy, tornando-se uma *fallen woman*, manchando sua reputação enquanto mulher, o que compromete seu crescimento.

O conceito de *Fallen Woman*, utilizado por George Eliot para construir Maggie, reflete uma definição surgida no período vitoriano e demonstra, de maneira ativa, as nuances excludentes e negativas do patriarcado que recaem para uma personagem feminina, e, diretamente, a queda conceitual feminina na obra. Como relata Logan (1998, p. 82-82), a definição de *fallen woman* era aplicada às mulheres que estavam prontas para manter relações sexuais extraconjugais ou fora do casamento, mulheres manipuladas, vítimas de assédio sexual, e, do mesmo modo, personagens femininas cujo comportamentos debruçavam sobre o alcoolismo e a prostituição. Tal conceito indica que, ao decorrer do desenvolvimento da protagonista, a procura de sua paixão a impedia de construir a sua independência na narrativa. Uma vez que Maggie decide deslocar-se de seu lar em busca da sua felicidade e deixa a figura masculina conectada a ela (nesse caso, Tom Tulliver), a sua representação foi inferiorizada e, conseqüentemente, o desenvolvimento partiu para caminhos de rebaixamento moral. Sob a ótica dessa dicotomia, enquanto Tom ascendia através dos estudos, conseguiu quitar a dívida da família e recuperar a fazenda que os pertencia, por outro lado, a personagem feminina atravessava por uma sina desprestigiada. Nesse sentido, em *Tainted Souls and Painted Faces: The Rhetoric of Fallenness in Victorian Culture*, Amanda Anderson sinaliza:

Proeminentemente, a queda é assimilada à própria narrativa, identificada ou equiparada a um ‘caminho descendente’. No romance realista, por exemplo, as *fallen woman* muitas vezes destacam a lógica coercitiva das narrativas ou gêneros convencionais, nos quais a personagem literária é representada. O dilema extremo da *fallen woman* permite que outras formas de caracterização pareçam menos determinadas; se ela é, assim, presa, isso implica a lógica da narrativa de que o protagonista e os outros personagens privilegiados devem ser livres (Anderson, 1993, p. 9).⁶

Desprende-se, portanto, a imprescindibilidade acerca do debate de construção da personagem principal, levando em consideração os aspectos históricos que tornam Maggie uma vítima da falsa liberdade de escolha disposta para as mulheres vitorianas. Tal ilusão,

⁶ Tradução Livre. No original: "Most prominently, fallenness is assimilated to narrative itself, identified or equated with a 'downward path.' In the realist novel, for example, fallen women often highlight the coercive logic of the conventional narratives or genres through which literary character is rendered. The fallen woman's extreme predicament allows other forms of characterization to appear less determined; if she's so trapped, the narrative logic implies, the protagonist and the other privileged characters must be free" (Anderson, 1993, p. 9).

similarmente, desaba no conceito de *Fallen Woman*, pois a determinação de que a mulher, a partir de suas escolhas singulares, seria submetida a um julgamento crucial, implica na perspectiva de que, em contrapartida, as figuras masculinas serão transpassadas como personalidades superiores e detentoras de experiências de vida positivas no decorrer da obra.

Outrossim, ocorre, dentro das vivências das personagens, a depreciação intensa de Maggie como ser social detentor de percepções pessoais. Ou seja, é estabelecida, para a mulher, uma performance de indivíduo insignificante, e, ao pontuarmos tal questão, percebe-se a caracterização do cenário da Era Vitoriana. Essa situação ocorre cotidianamente com os irmãos Tulliver, conforme pode-se perceber no trecho:

Lucy adorava e quase acreditava nas histórias que Maggie contava sobre os seres que por acaso encontravam - como a da senhora Bicha-cadela que, estando em casa a fazer a barrela, lhe caiu um dos filhos no panelão, pelo que ia a correr buscar o médico. Tom tinha verdadeiro desprezo por estas palermices de Maggie, e esborrachava logo a bicha-cadela num gesto inútil, mas fácil, de provar a falsidade absoluta da história (Eliot, 1860, p. 92).

Tal trecho, por sua vez, denota a personagem principal feminina como uma figura deslegitimada e, mesmo em situações corriqueiras de conversação, as experiências e falas de Maggie eram menosprezadas para que a sua disposição na história fosse marginalizada. Considera-se, também, insuficiente a proposta de mudança de cenário da *fallen woman*, pois a própria figura familiar masculina, nesse caso, Tom, impossibilita o desenvolvimento positivo de Maggie.

Tom frequentemente assume um controle autoritário sobre Maggie, o que reflete a dinâmica patriarcal da sociedade. Suas tentativas de impor sua vontade limitam as escolhas dela e restringem sua liberdade, dificultando o florescimento da individualidade de Maggie. A desaprovação constante de Tom em relação às ações de Maggie impacta negativamente sua autoestima, criando uma complexidade emocional na relação entre os dois. Essas dinâmicas têm implicações diretas na vida de Maggie, sendo exemplificado pelo ato simbólico de Maggie ao cortar seus cabelos em resposta às expectativas sociais e de Tom, representando sua busca por identidade em meio às restrições familiares e sociais.

Ao final de *The Mill On The Floss*, a protagonista não consegue vencer o modelo patriarcal. Maggie Tulliver se mostra incapaz de lutar pela sua vida amorosa, prazer e felicidade, submetendo-se à obrigação que tem perante sua família. Por fim, tal enchente que aconteceu na infância de seu pai torna a acontecer mediante a uma tempestade que assolou a cidade por dias. Maggie navega sobre a enchente com um barquinho, na tentativa de voltar para a fazenda da família com a esperança de resgatar sua mãe e seu irmão, Tom, que ainda se encontrara com raiva da irmã.

Ao chegar à fazenda, Maggie não encontra o moinho, pois este foi levado pela correnteza, mas avista seu irmão no último andar na casa da fazenda. Tom embarca no pequeno barco e vão juntos à procura da prima Lucy, entretanto, durante o trajeto, os irmãos se viram em meio à correnteza, e em suas direções vinha um barranco com tanta ferocidade, que imediatamente Tom Tulliver percebeu que ambas as jornadas tinham chegado ao fim, dando assim um último abraço em Maggie que, naquele momento, soube que havia sido perdoada e que à beira da morte conquistou o amor fraterno que tanto almejava.

Em suma, apesar da obra abordar fatalidade para Tom e Maggie Tulliver, ao refletirmos sobre o desenvolvimento de cada personagem, pode-se analisar que a vivência de Maggie é marcada por dificuldades diante da representação feminina vitoriana, a qual era destituída de indulgência para mulheres com desejos singulares. E, perpassando por outra perspectiva, tem-se a morte de seu irmão, o qual, na construção de seu amadurecimento, não sofreu retaliação moral, mas, ao final da vida, o destino ofertou a mesma situação para irmã que antes fora desprezada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

George Eliot aborda, através de sua obra, a questão da desigualdade de gênero, uma das questões mais contundentes da Era Vitoriana. "The Mill On The Floss" emerge como um exemplar notável do gênero Bildungsroman, destacando-se por sua exploração dos desafios enfrentados pela protagonista, Maggie Tulliver, em sua jornada de crescimento e amadurecimento. Ao longo da narrativa, testemunhamos Maggie confrontando as expectativas impostas pelo patriarcado vitoriano, desafiando normas sociais e buscando sua própria identidade e felicidade, mesmo em meio a circunstâncias adversas.

Outrossim, é evidente que a obra aborda não apenas a trajetória individual de Maggie, mas também as limitações e pressões enfrentadas por mulheres na sociedade da época. A representação de Maggie como uma "fallen woman" revela as injustiças e estigmas associados à liberdade de escolha feminina e à expressão da própria identidade. Uma vez que a castidade, obediência, a inocência e o pertencimento apenas ao ambiente doméstico eram pilares para uma mulher perfeita. Portanto, suas lutas contra as imposições sociais, aliadas à sua busca por autenticidade, liberdade e felicidade, ressoam como uma crítica poderosa ao sistema patriarcal vigente.

A complexidade das relações familiares e sociais na obra, especialmente a dinâmica entre Maggie e seu irmão Tom, ilustra os conflitos e desafios enfrentados por mulheres em um contexto onde o poder e o controle são predominantemente masculinos. A busca de Maggie por reconhecimento e amor dentro de sua família reflete a necessidade humana fundamental de pertencimento e aceitação, mesmo diante de estruturas sociais opressivas. No entanto, o desfecho trágico para Maggie e Tom sugere que, apesar de seus esforços e sacrifícios, eles são finalmente subjugados pela rigidez do patriarcado e pelas circunstâncias implacáveis de suas vidas. A morte dos irmãos nas águas turbulentas do rio Floss em meio a uma tempestade simboliza não apenas o fim de suas jornadas individuais, mas também a perda irreparável de potencial e esperança em face da injustiça social e do destino inexorável.

Assim, "The Mill On The Floss" oferece uma poderosa reflexão sobre as complexidades da experiência feminina no século XIX, destacando a luta por autonomia, dignidade e realização pessoal em um mundo dominado por estruturas patriarcais. Através da história de Maggie Tulliver, somos confrontados com as contradições e injustiças de uma sociedade que limita e marginaliza as mulheres, mas também somos inspirados pela resiliência e determinação de uma protagonista que busca, até o fim, sua própria voz e liberdade.

Por fim, cabe estabelecer a relevância do estudo acerca da literatura vitoriana para o entendimento social da perspectiva feminina. Considera-se, desse modo, que reflexões sobre a construção de personagens femininas, tal qual Maggie Tulliver, explicitam a diferença entre o atual e o antigo no quesito desenvolvimento da arte literária. Nessa perspectiva, a dificuldade expressa através de protagonistas mulheres, ideia proposta por Dilthey (1988), relaciona-se às problemáticas expressas em romances de formação. Portanto, essa pesquisa postulou a necessidade de identificar as perspectivas que marginalizam a minoria social.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Amanda. **Tainted Souls and Painted Faces: The Rhetoric of Fallenness in Victorian Culture.** Ithaca: Cornell UP, 1993.

BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa.** São Paulo, Ática: 1996.

BRANTLINGER, Patrick. **A companion to the victorian novel**. 2002. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=PMWWh6yu3oEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 03 mar. 2023.

DILTHEY, Wilhelm. 1988. **A história do bildungsroman alemã**: sociedade do livro científico. P. 120-122. Disponível em: <https://epub.ub.uni-muenchen.de/5349/1/5349.pdf>. Acesso em 02 mar. 2023.

LOGAN, Deborah. **Fallenness in Victorian Women's Writing: Marry, Stitch, Die, or Do Worse**. Columbia: University of Missouri Press, 1998.

ELIOT, George. **O moinho à beira do rio**. Lisboa, Relógio D'Água Editores, Setembro de 2011.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Suzan. **The madwoman in the attic**. Yale University Press, United States of America. 1979.

PATMORE, Coventry. **The angel in the house: the betrothal**. Cassell's national library. London. 1854. Disponível em: [The Angel in the House, by Coventry Patmore \(gutenberg.org\)](http://www.gutenberg.org)

ZOLIN, Lúcia Ozana. Literatura de autoria feminina. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: EDUEM, 2003, p. 253-260.